

▶ ISSN: 2675-5556

UTP | FACULDADES
DO CENTRO DO
PARANÁ
Ensino por Ideal



POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

DIREITOS HUMANOS

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

EXPEDIENTE

ISSN: 2675-5556

Revista anual da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP “Poesias, contos e crônicas” é um periódico semestral da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP) e tem como objetivo publicar produções literárias, tanto do público acadêmico interno, quanto da comunidade externa. Os trabalhos versam sobre temáticas que variam a cada volume. O Volume 4, do ano de 2020, tem como tema Direitos Humanos.

Diretora Geral da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

Jane Silva Bühler Taques

Organização

Jane Silva Bühler Taques

Diagramação e Capa

Jefferson Silvestre Alberti dos Santos

Setor de Marketing da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP)

Endereço para correspondência

Av. Universitária, km 0,5 Linha Cantu.

CEP 85200-000 – Pitanga, PR - Brasil

Telefone: (42) 3646-5555

Site: www.ucpparana.edu.br

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR Volume 4, 2020. Publicação de poesias, contos e crônicas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná – UCP. Direitos reservados deste volume (2020). É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. A revisão e todas as opiniões e informações expressas em cada um dos artigos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

P743 Poesias, contos e crônicas: Direitos Humanos.

Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná. – Pitanga, v. 3, 2020.

29 f.: il.

Semestral

1. Poesias. 2. Pitanga. I. Título. II. Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
DIREITOS PRA QUEM? <i>Ubirajara Gomes dos Santos</i>	6
ECONOMIZE-ME <i>Tchello D'Barros</i>	8
MERITOCRACIA <i>Jenny Alexandra Rugeroni</i>	9
O CIDADÃO GUERREIRO <i>Emanuel Felipe Andrade</i>	12
O MESTRE, O SEU DISCÍPULO E OS DIREITOS HUMANOS <i>Jobber Rocha</i>	13
O QUINTO ASSASSINO <i>Ronaldo Dória Júnior</i>	16
O RELATO DE JOÃO QUE SE CHAMAVA MARIA <i>Ítalo Rafael Lima Dourado</i>	18
POEMA UNIVERSAL <i>Robinson Silva Alves</i>	19
POESIA <i>André Luiz Alves de Lima</i> <i>Lilian Vanessa de Araújo Godinho</i>	21
PRAIAS DE VENENOS <i>Alberto Arecchi</i>	22
SOCIEDADE APÁTICA <i>Leticia Antunes</i>	24
SOMOS <i>Agnes Nagashima</i>	25
SONETO 11 PELO NINHO EM COMUNHÃO <i>Paulo Roberto de Oliveira Caruso</i>	26
VIDAS NEGRAS <i>Harryson Jonas da Silva</i>	27

PREFÁCIO

“Direitos Humanos”

5

A Faculdade do Centro do Paraná (UCP), com o objetivo de estimular a produção literária nas categorias Poesia, Contos e Crônicas entre a comunidade acadêmica, alunos, egressos da graduação e da pós-graduação, funcionários da Instituição e comunidade externa, desenvolve o Periódico Poesias, Contos e Crônicas, com a temática, deste ano, Direitos Humanos e Cultura de Paz.

Por muito tempo a produção acadêmica tem se concentrado em artigos, resenhas e demais produções teóricas e referenciais, sendo deixado de lado, muitas vezes, a produção cultural. Mas o espaço universitário é lugar, de direito, do debate, da produção, manifestação e disseminação de cultura, principalmente por meio de textos literários, que representam, também, um dos meios mais clássicos de expansão da cultura e da produção de sensações nos leitores.

A temática deste ano leva em consideração os princípios de base dos direitos humanos, pois não há como termos sociedade sem preservar a vida e a cultura de paz. Sendo assim, os textos aqui apresentados levam, em sua essência os sentimentos que fortalecem cada linha dos versos, dos poemas, bem como cada palavra das crônicas e contos.

Mais uma vez a Faculdade do Centro do Paraná (UCP) consegue reunir excelentes escritores com textos sublimes para encantar e disseminar a cultura de forma democrática.

O presente volume reúne textos com a temática “**Direitos Humanos**” e valoriza os processos culturais manifestados pelos estudantes, colaboradores e comunidade externa que sempre estão envolvidos com a instituição e suas atividades, é isso que nos transforma em uma das melhores Instituições de Ensino Superior do Paraná.

Deixamos vocês com o deleite da leitura dos textos desta edição, é um imenso prazer poder publicar maravilhas da escrita, tornando público a criatividade, imaginação, conhecimento e aventuras dos escritores que aqui se apresentam.

Ótima leitura
Prof. Jane Silva Bühler Taques
Diretora Geral da UCP

DIREITOS PRA QUEM?

Ubirajara Gomes dos Santos

6

São 7h30min e finalmente chego na escola. Estou cansado depois de caminhar cerca de 4km do lugar onde moro até aqui. Mas esse trajeto é diário, então já estou me acostumando.

- Bom dia, seu Zé – cumprimento o inspetor que está parado próximo ao portão da entrada.

- Bom dia, Pedro – ele responde alegremente. - Entre rápido que a aula já está começando.

Eu sigo para a sala de aula e consigo chegar antes da professora de história iniciar a aula. História sempre foi a minha disciplina favorita e a que nunca mancha meu boletim com notas baixas. Apesar de gostar da análise dos fatos históricos, sempre acabo ficando deprimido quando vejo que alguns eventos do passado ainda refletem nos dias atuais. Hoje, por exemplo, a aula está sendo sobre a história dos direitos humanos.

- O acesso a moradia é um dos direitos básicos de cada ser humano – diz a professora. – Infelizmente, esse direito ainda é negado a muitas pessoas.

“A senhora tem razão, professora. Pra muita gente isso não se aplica”, penso comigo mesmo.

No final da aula a professora passa um trabalho em grupo e avisa que a apresentação já será na semana que vem. Já estamos no fim do bimestre, então é normal toda essa correria para fechar as notas.

- Ei, Pedro – meu amigo Lucas toca em meu ombro e fala. – Mesmo grupo de sempre, certo?

- É claro – eu concordo.

Eu, Lucas e mais três amigos sempre fazemos os trabalhos juntos. Alguns professores até sugerem que a gente experimente trabalhar com outros colegas, mas a nossa “panelinha” é inseparável. Na verdade, todos da turma fazem parte de alguma “panelinha”.

Quando o relógio marcou 10h30min fomos liberados para o intervalo. Depois de terminarmos a nossa merenda, juntamos o nosso grupo para decidir os detalhes da construção do trabalho de história.

- Acho que dessa vez a gente deveria se reunir na casa do Pedro – sugere o meu amigo Rafael.

- Verdade – Lucas concorda. – A casa dele é a única que a gente ainda não foi.

Todos concordam que o trabalho deveria ser feito na minha casa e isso me deixa preocupado. Tudo que eu mais queria era poder consentir e convidar os meus amigos para o meu lar, mas infelizmente isso não é possível. Depois de dois anos convivendo com esses caras não tenho mais coragem de contar a verdade para eles. Eu deveria ter feito isso no início.

- Gente, infelizmente não vai ser possível – tento argumentar. – A minha casa está passando por uma reforma, então não teremos paz pra fazer o trabalho.

- Pra mim isso parece mais uma desculpa, assim como das outras vezes – diz Jeferson.

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

- Então vamos pra minha casa mesmo – Vitor se dispõe. – Sábado, 8h, todo mundo lá.

Assim como das outras vezes em que isso aconteceu, eu fico totalmente triste e sem jeito. Passei o resto da manhã evitando contato com qualquer pessoa e agradeço quando finalmente chega o horário de ir embora. Eu havia acabado de sair da escola quando um carro para ao meu lado.

- Quer uma carona? – Pergunta a minha professora de história.

- Sim, por favor – eu respondo.

A professora Letícia sabe do meu interesse por história e ela valoriza muito isso. Então no caminho tivemos uma conversa agradável sobre a aula do dia. E enquanto conversávamos eu lhe explicava para onde eu estava indo. Quando peço para ela parar o carro próximo a um viaduto, ela acha estranho e pergunta:

- Certeza que você não quer que eu te deixe em casa?

- Daqui eu sigo a pé, professora – tento enrolar. – Muito obrigado pela carona.

Ela sorri para mim e em seguida dá partida no seu carro. Eu espero até ela se afastar e então vou até um grupo de pessoas aglomeradas em um dos cantos da parte de baixo do viaduto.

- Olá, meu filho – minha mãe me recebe sorridente. – Como foi lá na escola?

Eu não consigo dizer nada, apenas lhe abraço com os meus olhos encharcados.

Acontece que não vai fazer a menor diferença
A depreciação do câmbio pelo superávit primário
Nem a fuga de dólares com o boom das commodities
Ou o investimento flutuante em derivativos de debêntures
Para a catadora de sururu no mangue lamacento
que amamenta sua criança quando baixa a maré

Acontece que não vai fazer a menor diferença
A orçamentação cambial dos ativos de alta liquidez
Nem a alíquota dos lucros pelas tarifas alfandegárias
Ou a insolvência da desvinculação na receita da união
Para o cortador de cana que morre de exaustão
Antes de completar os seus trinta e cinco anos

Acontece que não vai fazer a menor diferença
A regulação de risco da desmobilização patrimonial
Nem a matriz econômica pela desvalorização indexada
Ou a rentabilidade da plutocracia com a balança comercial
Para o garoto esmilinguado que não vai à aula
Por ter que ganhar o pão diário como flanelinha

Acontece que não vai fazer a menor diferença
A debacle dos organismos multilaterais sem renúncia fiscal
Nem o colapso rentista via títulos pré-fixados
Ou o imperativo da capitalização pelo swap cambial
Para o velho coletador de materiais recicláveis
Imerso nos monturos do depósito de lixo municipal

Acontece que não vai fazer a menor diferença
Esses cálculos atuariais e seu déficit insolvente
Nem a revogação do pacto tributário na taxa Selic
Ou o tripé macroeconômico no epicentro do capitalismo
Para as meninas esfomeadas da periferia
que furtivamente colhem restos na xepa da feira

MERITOCRACIA

Jenny Alexandra Rugeroni

“Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle”

(Artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos)

1998

- Pre-gui-ço-so!

Caio saiu da escola devagar, os ombros encolhidos, os cadernos junto ao peito. Foi descendo a avenida, fingindo não ver os garotos uniformizados que se dispersavam em várias direções, brincando e rindo. Ele não fazia parte daquilo, era um solitário. Foi caminhando. Engolindo todas as coisas que deveria ter falado para Michel. Parecia ainda ver o rosto redondo e arrogante, os olhos claros arregalados. As palavras do colega ecoavam em sua mente. Você não dorme em casa, não, preguiçoso?

E daí? O que Michel entendia da vida? Até o seu nome era cheio de frescura, copiado do estrangeiro, como se isso servisse de alguma coisa. Se ele fosse tão rico, dizia a mãe de Caio, não frequentaria a escola pública. Mas Michel era rico, sim. Só de ter comida na mesa, era rico. Só de ter dois uniformes escolares, não precisar lavar a camiseta todos os dias. Rico. Só de ter um pai presente. Era milionário. Da última vez que o pai de Caio dera as caras, estava caindo de bêbado. Pediu dinheiro e comida, ficou gritando no portão, querendo entrar em casa. A mãe disse que ia chamar a polícia. Os vizinhos todos saíram para ver o espetáculo. Que vergonha! O pai não ajudava com nada. Por que não sumia de vez?

Essas coisas que pensava, Caio não podia falar para a mãe. Que escolha teria ela, faxineira, analfabeta, sozinha no mundo? De vez em quando a ouvia chorar, no meio da noite. Não queria ser mais uma preocupação; o fardo que ela carregava já era bem pesado.

Que os meninos da escola o achassem preguiçoso. Era melhor do que saberem a verdade. Naquela manhã, havia sentido tontura. Estava sem comer desde a noite. No dia anterior, tinha andado até muito tarde com o carrinho de sorvetes, percorrendo bairros onde não costumava ir, e chegara exausto. Fazia frio, estava difícil para vender; tinha vergonha de aparecer em casa com aquela miséria de dinheiro, enquanto a mãe se consumia no trabalho. Os irmãos também tinham fome. Ele já estava com onze anos, era o filho mais velho. O homem da casa, assumindo a responsabilidade que o pai deixara para trás.

Sentiu o aroma de comida vindo dos bares e casas por onde passava. Havia sempre o clássico frango assado na “televisão de cachorro”... Mais adiante, percebeu o cheiro de pão de queijo, batatas fritas, o alho fritando na cozinha onde alguém refogava arroz. Tudo parecia delicioso. Naquele dia não tinha feijão em casa. Talvez um macarrão com salsicha... Não era ruim, não era. Matava a fome. Depois de engolir a comida, vinha uma preguiça, mas nem podia descansar. Precisava aproveitar as

horas de sol, tentar ganhar algum dinheiro. Quem sabe hoje teria mais sorte? Na volta para casa, se tudo corresse bem, passaria no supermercado. O frio das noites de junho pedia um bom prato de feijão com bastante caldo, a fumaça se erguendo e aquecendo a pequena cozinha.

A mãe só tinha um par de sapatos: pretos, fechados, sem nenhum detalhe, para combinar com qualquer tipo de roupa. Serviam tanto para trabalhar quanto para ir à missa. O esquerdo tinha um furo na parte inferior. Quando chovia, ela improvisava uma palmilha de papelão, mas a água entrava mesmo assim. Quando via os sapatos com o couro sintético rachado, ao lado da cama da mãe, Caio sentia um peso ainda maior sobre os ombros: haveria de ganhar muito dinheiro, e comprar-lhe quantos pares de sapatos ela quisesse.

Em breve teria que deixar a escola. Ia vender sorvetes em tempo integral, ou tentar uma vaga para trabalhar nas colheitas de algodão e café. Era uma pena. Gostava de lá, apesar de Michel e dos outros colegas, que não sabiam nada da vida. Apreciava as sopas quentinhas e também as aulas de História, que o faziam sonhar com imperadores e generais. Mas era o homem da casa, e os irmãos também tinham fome.

2018

Michel revirava-se na cama, incapaz de dormir. Seria a claridade que entrava pelo vão da janela, atravessando a cortina de tecido fino? O encontro com Caio o perturbava. No supermercado onde trabalhava, estavam contratando um repositor; entre os candidatos à vaga, reconheceu o antigo colega de escola, magro e envelhecido pelo sol da roça. Devia ter a mesma idade que ele: trinta e um, quem sabe trinta e dois anos, uma idade já avançada para a vaga em questão. Costumavam contratar jovens sem experiência para funções como essa, que não requeriam prática ou grandes conhecimentos.

Levantou-se com cuidado, para não acordar a esposa. Vestiu o roupão e caminhou para a janela. Os pés descalços sentiram a maciez do tapete alto. Afastou a cortina. Lá fora, a rua iluminada parecia mágica, as luzes criando jogos de sombra entre os jardins bem cuidados da vizinhança.

O endereço informado por Caio no currículo ficava num bairro afastado, conhecido pela situação precária das moradias. Quem diria que as vidas de ambos tomariam rumos tão diversos? Tiveram as mesmas oportunidades, estudando na mesma escola, com acesso ao mesmo conhecimento. Depois da quinta série, o colega tinha sumido do mapa. Transferido para outro lugar? Não sabia. O garoto era calado, nunca comentava sobre sua vida fora da sala de aula. Recordava com surpreendente nitidez a sua imagem, a expressão mal-humorada, a camiseta do uniforme muito gasta, evidenciando o desleixo da mãe. Lembrava-se também de que Caio dormia durante as aulas, perdendo as explicações dos professores. Por que deveria se sentir culpado? Tiveram as mesmas oportunidades, mas Caio não soubera aproveitar.

Michel era um homem de bom coração, pai amoroso, marido gentil. Acima de tudo, era dedicado. Trabalhava no supermercado há nove anos; com muito esforço, chegara a gerente. O mérito era seu, resultado de anos e anos trabalhando até depois do horário, fazendo sempre um pouco mais do que o esperado.

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

11

Retornou para a cama. Na penumbra, a esposa tinha uma expressão serena. Cobriu-se até o pescoço, embora fizesse calor. Ficou olhando para o teto. A fresta de luz ainda atravessava o quarto. Estranho que nas outras noites ela também deveria estar lá, mas Michel nunca havia notado. O incômodo que dominava sua mente e lhe tirava o sono estava deixando tudo fora de proporção.

Devia dar o emprego a Caio? Só porque haviam estudado juntos? Havia outros mais aptos para a função. Pessoas jovens, dispostas a aprender, com possibilidades de crescer na empresa. Bem que gostaria de ajudar o antigo colega. Mas tinha a responsabilidade de contratar o mais capacitado. Era para isso que a empresa pagava seu salário.

O que fazer, então? Levar-lhe uma cesta básica? Era contra todas as formas de assistencialismo. Essas coisas só incentivam as pessoas a se acomodarem, achando que tudo lhes é devido. Quem realmente quer, trabalha. Tem sempre alguma coisa a ser feita, um terreno para limpar, uma roça de café para colher. Ou, em último caso, qualquer homem pode vender sorvetes na rua.

Não estava em suas mãos resolver todos os problemas do mundo. Já fazia sua parte, e era mais do que muita gente fazia. Mesmo assim, Michel revirava-se na cama, incapaz de dormir.

O CIDADÃO GUERREIRO

Emanuel Felipe Andrade

12

Todo ser humano tem direito a ter direitos.
Na sociedade devemos combater os preconceitos.
Temos que ser livres e iguais.
Respeitar as características individuais.

O ser humano deve cantar a sua liberdade.
Devemos agir em espírito de fraternidade.
Cada pessoa deve ter dignidade.

O refugiado em busca de paz, procura um lugar melhor.
E toda família necessita de uma moradia.
O homem e a mulher, trabalha todo santo dia.
Para conseguir uma condição melhor.

O reconhecimento profissional e pessoal, é fundamental.
Pois estimula a capacidade mental.
Podemos eliminar a discriminação com a educação.
O ato de educar e ser educado é encantador.
A participação na vida cultural da comunidade, é esplendor.

Temos que participar da democracia do nosso país.
Lutar pelo bem comum e enfrentar os problemas sociais.
A presença de uma personalidade forte em uma comunidade.
É uma fonte de inspiração, para os jovens de nossa sociedade.

O MESTRE, O SEU DISCÍPULO E OS DIREITOS HUMANOS

Jobert Rocha

Em um reino distante vivia um velho súdito, tido como muito sábio. Certa ocasião um jovem e humilde aldeão, ao encontrá-lo em uma estrada vicinal e sob a sombra de uma árvore, demonstrou-lhe o desejo de ser seu discípulo.

Alegava o jovem que, tendo grande vontade de aprender tudo o que fora possível sobre o mundo que o cercava, pelo fato de viver naquele território longínquo, as suas oportunidades eram muito limitadas; já que não possuía livros, nem alguém por mestre que lhe pudesse transmitir conhecimentos. Gostaria de conhecer, seguir e propagar aquilo que ouvira em uma cidade que visitara e que lhe afirmaram serem Direitos Humanos.

Após ouvi-lo por algum tempo e fazer-lhe algumas perguntas para investigar seu nível intelectual, seu caráter e seus objetivos, o sábio respondeu, por fim, que o tomaria por aprendiz, respeitando o direito humano que todo jovem tem de poder se instruir.

Entretanto, alertou-o de que, antes de conseguir seu intento, deveria submeter-se a quatro provas: a da Terra, a do Ar, a da Água e a do Fogo.

A da Terra, - segundo disse o mestre - consistia em deixá-lo encarcerado em uma caverna, por vários dias para que, na escuridão e no silêncio daquele ambiente, fizesse uma séria reflexão sobre a necessidade de o ser humano eliminar a ignorância e o erro, as superstições e o preconceito, que mantêm aprisionados o espírito e a consciência.

A do Ar - conforme falou o sábio - consistia em levá-lo a uma alta montanha em um dia de mau tempo para que, naquele ambiente rarefeito e ao sabor das intempéries, ele entendesse que a vida, como o ar, está sujeita à contínuas flutuações e à contraditórias variações. O ar, fonte da vida humana, com as suas correntes, agitações e estagnações possui um paralelo com o progresso dos indivíduos e dos povos. O progresso é o avançar coletivo, que encontra obstáculos a vencer. Como o mau tempo que é sucedido pela calma, após as revoluções do progresso vem a esperada paz das instituições libertadas.

A da Água - afirmou o ancião - consistiria em conduzi-lo em uma embarcação ao alto mar e atirá-lo pelo costado do barco, ao oceano, amarrado em uma corda. O oceano, como um símbolo do povo, embora inerte na calma, é agitado e revoltado pelo movimento que lhe dá o vento. A sua instabilidade e a sua fúria retratam os caprichos e as vinganças cruéis de um povo desordenado. Suas correntes são como às da opinião popular e o homem patriota, para servir ao povo, deve arriscar-se a ser esmagado pela sua fúria cega, como um marinheiro tragado pelas ondas do mar.

A quarta e última prova, a do Fogo - segundo as palavras do velho - consistia em fazê-lo atravessar uma fogueira cujas chamas purificadoras traduziriam a aspiração, o fervor e o zelo de trabalhar, com dedicação, pelas causas em que se empenhasse; principalmente, aquelas relacionadas com o bem-estar do povo.

O candidato a aprendiz aceitou, sem vacilar, a condição estabelecida pelo mestre. Vencidas as quatro provas, o neófito passou a acompanhar o sábio em todos os momentos do dia. Observava como este se portava no trato com as pessoas; como se conduzia nas vezes em que era solicitado, pelo monarca senhor daquelas terras,

para algum conselho ou opinião e ouvia-o, atentamente, quando discorria sobre diversos textos que costumava escrever em suas horas vagas.

Pode o jovem perceber que aqueles textos que o mestre escrevia iam, em sua maioria, contra verdades pré-estabelecidas, reconhecidas e adotadas pelos súditos daquele reino. Em certa ocasião, comentou aquele aspecto da questão com o mestre. Ouviu, então, deste, o seguinte argumento: - Meu caro aprendiz, mestre é aquele que ensina. O que é versado em alguma ciência ou arte, o que serve de base ou de guia. Na essência da reflexão, o verdadeiro mestre é aquele que é senhor de si mesmo. Alguém com um espírito diferenciado, cuja vida tem o sentido de ensinar, seja por palavras, por ações ou por exemplos.

Ser um mestre extrapola a própria definição da palavra. É mais do que apenas um adjetivo, sendo uma condição que se exerce. O verdadeiro mestre possui a tarefa de educar, de dar rumo, direção e sentido, tanto para a sua vida quanto para a dos seus discípulos. Sempre que nos posicionamos contrários aos conceitos ou verdades anteriormente estabelecidos, apresentando novas maneiras de visualizar e entender antigas questões, somos alvo dos pré-conceitos, dos sectarismos e das discriminações.

Desta forma, para continuar sendo um verdadeiro mestre, é preciso ter coragem, determinação e ousadia para desafiar o sectarismo, a ignorância e os eventuais interesses contrariados. Ser um aprendiz, por sua vez, é ser um incansável pesquisador, objetivando aprender um pouco mais a cada dia. O grande desafio do aprendiz, entretanto, é o de por em prática o conhecimento adquirido; em suma, transformar-se em um mestre. Muitos aprendizes, egoisticamente, continuam aprendizes para sempre. Não têm a intenção, nem a pretensão, de ensinar aquilo que aprenderam para novos aprendizes, cortando, por assim dizer, a corrente da transmissão do conhecimento.

Muitos mestres, embora cumprindo a sua missão de ensinar, continuam, também, sendo eternos aprendizes. Pensam como aquele antigo filósofo grego que disse: - Apenas sei que nada sei!

Reconhecem estes mestres – continuou o sábio - que a vida é um eterno aprendizado e que tudo aquilo que venham algum dia a conhecer será, sempre, apenas, uma gota no vasto oceano do que existe para ser conhecido.

Por outro lado, existem os bons e os maus mestres. Não apenas no sentido de que uns possam transmitir seus ensinamentos melhor do que outros; mas, porque, se existem mestres que ensinam apenas virtudes, existem aqueles que ensinam virtudes e vícios e, também, os que ensinam apenas vícios.

A evolução, de uma maneira geral, ocorre dialeticamente. É necessária a existência do contraditório, para que se chegue à verdade ou o mais próximo possível dela. A tese e a antítese são as duas vertentes que possibilitam a síntese, que é um passo adiante de ambas; ou seja, um estágio superior de evolução.

Esta é a razão de existirem vícios e virtudes no “equipamento de sobrevivência” com que nós, os seres humanos, somos dotados, previamente pelo Criador, para sobrevivermos em um meio inóspito como o da Natureza do nosso planeta. É também a razão pela qual, intuitivamente, percebemos que o Criador é fonte total de virtudes e ausência total de vícios; pois, Ele, sendo uma Entidade perfeita, não necessita, certamente, evoluir.

O Criador, por outro lado, não estabeleceu nenhuma discriminação entre as suas criaturas; se olharmos com uma perspectiva de múltiplas encarnações ou de múltiplos retornos. Sob esta ótica, todos os espíritos têm, portanto, as mesmas chances de evolução, sem a premência do tempo. Ora nascendo como homens, ora renascendo como mulheres; ora vindo saudáveis, ora retornando enfermos; ora surgindo belos, ora apresentando-se feios; ora vivendo ricos, ora existindo como pobres, etc.

Assim, as mesmas oportunidades serão concedidas a todos, em épocas e lugares diferentes, para que extraíam destas múltiplas existências os ensinamentos que lhes permitirão seguir evoluindo continuamente. Não devemos desperdiçar as nossas existências e as experiências que estas nos proporcionam, aproveitando-as, ao máximo, em busca do nosso progresso espiritual. Com estas últimas palavras, o mestre finalizou a sua explanação.

O aprendiz, meditando no que o velho sábio havia dito, pensou consigo mesmo: - Se existem, realmente, múltiplas encarnações, eu posso, muito bem, deixar para a próxima o aprendizado que pretendia obter nesta junto ao meu mestre. Este é um direito que eu tenho. Considerando a perspectiva da imortalidade da alma e a infinitude do tempo, uma existência a mais ou a menos não fará a menor diferença para a evolução do meu espírito!

Assim, tão logo a noite caiu e o mestre adormeceu o aprendiz, sorrateiramente, apanhou as suas coisas e deixou, para sempre e sem mesmo olhar para trás, a cabana que por tanto tempo dividira com aquele velho sábio, tomando o rumo da taberna, onde ouvia o som de música e de vozes femininas.

O mestre, que se encontrava acordado quando o aprendiz o deixou, pensou, consigo mesmo, ao vê-lo partir para sempre: - Realmente, quando se é aprendiz, tendo em mente as perspectivas infinitas do tempo e a imortalidade do espírito, tudo aquilo que deveria ser feito hoje, poderia, sem dúvida alguma, ser deixado para amanhã, conforme a 'sabedoria popular' sempre ensinou. Afinal, isto é um direito de todo ser humano!

- Porque eu não pensei nisso antes? – lamentou-se o velho mestre, ouvindo ao longe as vozes animadas e as risadas dos frequentadores da taberna...

O QUINTO ASSASSINO

Ronaldo Dória Júnior

16

Wil bebia uma cerveja sem álcool num canto escuro do bar. Seus pensamentos vagavam distantes, quando um burburinho crescente em torno da tevê o trouxe de volta. O jornal da noite anunciava o assassinato de Olga, nacionalmente conhecida por ter mandado matar os pais há quinze anos. O marido dela, um pastor evangélico, dava entrevistas, aos prantos. A polícia anunciou que ainda não havia suspeitos.

As pessoas se agitavam. Muitas delas comemoravam e brindavam, dirigiam insultos ao pastor, diziam que a justiça enfim havia sido feita. Wil permanecia em silêncio. Suas mãos começavam a tremer, um suor frio escorria por seu corpo. Sentia a boca seca e dificuldades para respirar. Era como se a notícia o expusesse a um perigo iminente de morte.

Um desconhecido senta-se ao seu lado. Observa-o, parece se divertir com seu visível desconforto. Bebe sua bebida e não disfarça o sorriso no rosto.

- Sentimento curioso esse que as pessoas sentem, não acha? – apontava para a televisão, o jornal agora reprisava a história de Olga e seu julgamento. – A Justiça cumpriu seu papel, a moça foi condenada a trinta e nove anos de prisão. Mas quem não sentiu um pingue de revolta quando ela começou a cumprir o regime semiaberto? O mesmo aconteceu quando divulgaram a notícia de que a condenada estava começando um relacionamento com um pastor de igreja. É como se, no íntimo, a gente achasse que pessoas como ela não têm o direito de recomeçar. Não importa o tempo que elas tenham passado na prisão. Aos nossos olhos, serão sempre culpadas. Não parece justo que uma mulher que mandou matar os próprios pais tenha a oportunidade de amar, de trabalhar, de viver o resto da vida em paz, por mais que a lei lhe dê esse direito. Então ela aparece morta e sentimos isso, essa euforia, essa coisa estranha. É estranho comemorar a morte de alguém, ainda que seja a de uma assassina. No entanto, aqui estamos nós.

Bebeu o que restava, fez uma careta e bateu o copo no balcão. Pediu uma dose de cachaça com mel e bebeu tudo de uma só vez.

- Eu te conheço. Apesar de todo esse cabelo e da barba. Venho te observando há meses, e agora, ouvindo essa bela notícia, me pareceu o momento certo pra vir trocar uma ideia. Wildenberg. O mais novo dos cinco filhos da puta condenados por atear fogo numa pessoa! O último, na verdade, já que os outros quatro morreram... Que bizarro, não é? Você tá aqui nesse fim de mundo se escondendo, ou algo assim?

Wil não conseguia se levantar. Apoiou a cabeça nas mãos, tentou se desligar do barulho ao redor e do sujeito que insistia em continuar falando. Tentava focar apenas na própria respiração.

- Sabe aquela reportagem famosa, que elaborava toda uma teoria da conspiração a respeito dos seus amigos mortos? Eu não acredito nessas coisas, embora a coincidência seja mesmo assombrosa. O jeito como eles morreram, a sequência das mortes... O que dava um toque sensacional era o fato de você ter surtado com a possibilidade de ser o próximo da lista. Abandonou a família, a carreira na Polícia Rodoviária Federal, sumiu do mapa. A teoria era mesmo papo furado, já se passou tanto tempo e você tá aí, bem vivo. Parece meio maluco, mas vivo. E acho

que ainda tá no lucro. Colocar fogo num ser humano e pegar somente quatro meses de medida socioeducativa...

Fez um esforço e se ergueu do banco. As pernas estavam fracas e sua cabeça girava. Ia se apoiando nas mesas e cadeiras em direção à saída. Há muito tempo não sentia nada parecido. O desconhecido também se levantou e resolveu acompanhá-lo. Gritava e chamava a atenção de todos para a identidade do barbudo que tentava ir embora. Alguém chutou a cadeira em que ele se apoiava. Quando caiu, recebeu chutes e cusparadas. Os mais bêbados queriam continuar a espancá-lo, mas o dono do bar, com muito custo, conseguiu impedir.

Jogaram-no bar afora. Alguns homens ainda berravam ofensas e jogavam bebida em cima dele. Sentia gosto de sangue na boca. Com o coração batendo aceleradamente, pôs-se a caminhar. O nome “Wildenberg” soava ainda em seus ouvidos, ecoava em sua cabeça. Tanto tempo que não o ouvia que parecia pertencer a outra pessoa, alguém que viveu há bastante tempo num lugar remoto e que ele gostaria de esquecer para sempre. O vento soprava forte e produzia um som que era como um chamado, um convite sussurrante. Os galhos das árvores eram braços assustadores na estrada deserta e escura, braços poderosos que o desafiavam para um ajuste de contas, um último duelo do qual dependia todo o resto de sua vida. Pôs-se a correr. Era uma luta desigual, estava sozinho e meio alquebrado por dentro e por fora, mas talvez fosse o preço certo a se pagar para se ter o passado finalmente apagado e poder seguir, livre, sem medo sequer de olhar a própria imagem no espelho.

Um golpe inesperado nas pernas o derrubou. Dezenas de punhos fustigavam-lhe o corpo já debilitado. Mãos tentavam sufocá-lo, entupindo sua boca e nariz de terra úmida. Tossia, cuspiam, o ar lhe escapava. Era impossível ficar de pé. Uma pancada acertou-lhe as costelas, a dor era insuportável. A escuridão intensa não lhe permitia ver absolutamente nada. Um golpe certeiro na cabeça desacordou-o, e ele rolou ainda por mais alguns metros. Durante os sonhos febris que o acompanharam ao longo da madrugada, ele acreditou ter encontrado a redenção.

Acordou no hospital. Abria os olhos com dificuldade, ouvia ruídos indistintos de vultos próximos. Houve silêncio por alguns minutos. Um jovem vestido de branco chegou bem perto, seus rostos por pouco não se tocaram. Tinha a pele acobreada e seus cabelos eram negros e lisos. Wil não conseguiu entendê-lo, mas sua expressão era de raiva. O jovem então apertou seu pescoço quase até sufocá-lo. Gostaria mesmo de poder matá-lo, mas contentou-se em repetir o processo mais algumas vezes, golpeando também sua costela e braço, que estavam quebrados. Estava disposto a fazer da estadia de Wil um inferno tão quente quanto o que consumiu a vida do inocente que ele ajudou a queimar, tanto tempo atrás.

O RELATO DE JOÃO QUE SE CHAMAVA MARIA

Ítalo Rafael Lima Dourado

18

Hoje acordei e não tinha nada para comer. Respirei fundo, paciente, me vesti e saí à rua, na calçada o primeiro desafio: arriscar-se a atravessá-la. Conseguindo, contente comigo mesmo, à frente, um novo desafio surge, pessoas me veem passar, me notam, estranham e analisam-me dos pés à cabeça, como se eu as devesse, como se eu tivesse, desde já (desde que, se nasci) devesse me comportar e agir feito elas, como se os seus movimentos tivessem que por me serem copiados durante a gestação da minha mãe e reproduzidos assim que eu nascesse. Na rua sou estranho, na fábrica poeta, se estas terras tivessem sido partilhadas como as palavras, não haveria, não haveria... porque quando nasci e me disseram que eu teria todo esse pouco tempo para mim, não pensei em usá-lo para ferir, não pensei em usá-lo para ser ferido, não pensei em ouvir pessoas que tornassem o som das ideias, oco e sem vida. Todo este mundo, é grande, não é? Todo este mundo, é pequeno, não é? Todo ele sem referência, todo ele com poucas referências, todo ele cheio de medidas e sentido, todo ele sem medidas e sem sentido. Pra todo lado, religiões, pra todo lado não existe nenhuma religião, pra todo lado rebeliões, matanças e discriminações, este jardim permaneceu cinzento entre 39 e 45. E ora sentimos amor com alterações de indiferença, e ora sentimos indiferença alterando-se à rápida compaixão, e ora suspendemos os direitos básicos e ora delegamos à um pequeno grupo a lista autenticada com os seus direitos básicos. Certas vezes violam-se deliberadamente os direitos humanos de alguém, e certas vezes cria-se novas defesas a eles, assim, a humanidade chega onde deveria ter chegado. Sabe... é que hoje eu acordei e não tive direito à vida, ora, pois bem, que vida é esta que pela manhã não há o que se encontrar para comer? Que vida é esta onde na rua sou privado, julgado e quase (só não tivesse andado rapidamente) censurado, quem sabe apagado da lousa da vida, por ser quem eu sou, como se eu já desde que nasci, tivesse a obrigação de ser como a grande maioria pequena é? Não há liberdade na ofensa, na exclusão. Dói mais ser ofendido do que torturado porque os ferimentos na pele saram. É que hoje eu acordei e não tive direito à vida... andei rapidamente porque pressentia que se fôssemos parar no tribunal, eles notariam apenas a minha cor, apenas os meus lábios grossos, já que fomos educados a admirar apenas o branco completo, já que fomos educados a admirar apenas o preto completo, ademais, não me fariam perguntas como: Você se sentiu ofendido? Mas: Quais são as suas preferências sexuais? Eu corri, e através do medo que demonstrei lá na calçada, perdi para eles o meu direito de ir e vir, (perdi também os pés?) pensei que se eu ficasse doeria mais do que ser confundido com um bandido, sendo em seguida preso arbitrariamente, assim veria o mundo através de uma janela murada, a qual a luz passaria a não passar mais, imediatamente. É que hoje eu acordei e não tive direito à vida, a falta de dinheiro assaltou o meu rosto, o selo da minha pele, quiseram retirar a minha fé que não se (me) move mais. Quiseram tirar-me a nacionalidade, o meu nome, que é a única palavra de vida, únicas mesmo propriedades. Impelir-me-iam de se casar, de me expressar, de conseguir um trabalho, meu lazer, a verdadeira educação, minha saúde, a arte, cultura e a ciência, quiseram-me remover tudo isso na rua enquanto eu estava passando de estômago vazio.

POEMA UNIVERSAL

Robinson Silva Alves

19

Sou verso livre
O poema igualdade
O verbo nascer
Sobre o sol da liberdade

Combatendo a discriminação
Toda a forma de opressão
Devemos sempre dizer não

O direito à vida
Destruirá toda a forma de escravatura
Para será banida
A fria e cruel tortura

Onde quer que vá
Igual serei
Protegido pela justiça
Perante a lei

Não serei encarcerado
Sem nenhuma razão
Serei julgado com fatos
E não apenas por opinião

Até provem o contrário
Sou inocente
Respeitem minha privacidade
Sou gente

Posso viajar
Me locomover
Procurar um lugar
Seguro para viver

Tenho nacionalidade
Pertencço a um chão
Meu sagrado solo
Amada nação

Quero casar
Ter uma família
Conquistar meu lugar
Seguir minha trilha

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

20

Um mundo novo
Onde o pensamento é respeitado
A expressão assegurada
Publicamente anunciado

Respeito a democracia
Busco segurança social
Onde os direitos do trabalhador
Imperem no final

O sagrado descanso
Uma casa para abrigar
A educação é sagrada
Temos que lutar

A arte deve ser respeitada
Queremos a verdadeira transformação
Um mundo justo
De responsabilidade e união

Lutemos por mudança
Unidos avançamos
Respeitem a Declaração
Ninguém poder tirar seus Direitos Humanos.

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

POESIA

André Luiz Alves de Lima
Lilian Vanessa de Araújo Godinho

21

Que a cada dia vivido nos isolando,
seja um dia mais próximo da liberdade,
que a cada dia superado,
estejamos mais próximo da cura,
que cada perda sofrida de um ente
seja de alguma maneira recompensada no presente.
Que cada profissional que tomou a frente durante a pandemia,
que encontre ao retornar no seu lar alegria,
que cada dia história de superação desta doença,
encha-nos de esperança.
que este ano a lição aprendida,
seja para sempre vivida.
Que a mensagem desta pandemia,
não seja esquecida em apenas um dia,
que possamos levar no coração,
a pureza de um ato de preocupação,
aonde cuidamos uns dos outros,
evitando a contaminação de um vírus perigoso.

PRAIAS DE VENENOS

Alberto Arecchi

22

Desde o ano 1990, a Somália, na região do Corno da África, foi por muitos anos "terra de ninguém", no meio de uma sangrenta guerra civil. Os tráfegos ilegais fundaram por aí o paraíso das lixeiras e da poluição. Até, para resolver os problemas da poluição nos Países "desenvolvidos", um engenheiro inventara o "Projeto Urano": recipientes de resíduos tóxicos e radioativos, transformados em torpedos e jogados nas profundezas do mar, ao longo da costa, ficando na base do continente africano.

Navios carregados com lixo tóxico e radioativo viajavam ao longo do Mar Vermelho para chegar a essas costas. Os recifes com caranguejos, lagostas, conchas do mar, palmeiras e manguezais, as praias de areia, a música evocativa, o cheiro do incenso e da mirra do lêmên, as memórias seculares de comerciantes, marinheiros e viajantes, de Simbad, o Marujo, e de Vasco da Gama... Tudo isso, a natureza, a história, a lenda, tornou-se o esconderijo de toneladas de lixo, altamente tóxicas e radioativas. As populações locais e os pescadores pagaram as conseqüências, saindo de um banho de mar com as carnes gangrenosas e o sistema nervoso em queda. Fumos de incenso e sândalo não podem ser suficientes para purificar a pilha de lixo da miséria humana, o tráfico de crianças-soldados, arrancadas às famílias pela guerra de gangues.

Um dia, um pescador encontrou um pedaço de metal, um invólucro brilhante, preso no recife, não muito longe do farol português. Ele tocou o cilindro, curioso, e ganhou uma sensação de ardor cruel. Não foi só uma queimadura: o braço enfraquecia e a pele era clara, queimada, como se tivesse tocado uma substância ácida. Então seu cabelo começou a cair. O homem morreu lenta e dolorosamente. Um fogo interno o devorou e não havia médico, não havia cura que pudesse salvá-lo. O que ele encontrara era uma caixa de resíduos radioativos, uma pequena parte da vasta quantidade de resíduos que nossos navios começaram a descarregar contra as costas do Corno de África.

No dia 26 de dezembro de 2004, um terremoto atingiu a ilha de Sumatra. Da Indonésia saíram ondas gigantes de até trinta metros de altura, que atravessaram o Oceano Índico e trouxeram a morte e a ruína. Quase trezentos mil mortos, mas as perdas ao longo da costa africana não foram sérias, pelo menos não em termos de vidas humanas. O maremoto devastou e destruiu grandes extensões de recifes de coral, deslocando milhões de metros cúbicos de areia, e trouxe à luz torpedos, cheios de recipientes de resíduos perigosos. Muitos desses contêineres começaram a flutuar nas ondas, abriram-se e derramaram seu conteúdo nas praias daquele canto do paraíso.

Raras luminescências podiam ser vistas à noite, no recife, e a mortalidade de caranguejos e lagostas se espalhava como uma epidemia ao longo da costa. Sem mencionar o tapete de peixe morto, ficando nas praias, ao pé dos coqueiros e das aldeias. Não foi apenas o peixe a ser exterminado pela onda do maremoto. Centenas de animais do fundo do mar morreram, devido à contaminação química da água. Barris de produtos nocivos moviam-se com as correntes e as populações costeiras acusaram distúrbios incomuns: anemia, inchaço, problemas respiratórios, insuficiência hepática.

Mohamud era um menino de seis anos de idade. Ele brincava com seus amigos Abdi e Alió na longa praia, que todas as crianças deste mundo gostariam de ter. Ficavam na areia, enquanto a maré descia, perseguindo os caranguejos rápidos, que então saíam de suas cavernas. Com a malícia ingênua das crianças, eles chutavam-nos, como se estivessem jogando bolas. Depois de dois tiros o caranguejo ficava atordoado, depois de três ou quatro era reduzido em um piscar de olhos. Os meninos, sem piedade, iam procurar outros.

Um dia, correndo, Mohamud chegou ao promontório e viu uma caixa, da qual escorria um líquido verde, denso, brilhante, vagamente fluorescente. O menino tentou tocar e esfregou as mãos, como fazia com sabão. Foi o pior erro de toda a sua jovem vida. Desde então, o menino esteve consumindo lentamente, com uma dor terrível. Não comia mais, não dormia à noite e se contorcia. Logo, não conseguiu mais segurar suas pernas. Todo seu cabelo caiu. Ele desvendou rapidamente. Para o nosso amiguinho, infelizmente, não se podia fazer nada.

Mohamud ainda não tinha sete anos de idade. Quem sabe que seu sacrifício não constitua o preço porque esta terra, com seu mar, retorne à paz e à beleza do passado? Pelo menos, pode contar como uma pequena moeda em todo o preço a pagar, que cresce dia a dia e tende a ser enorme.

Quero lembrar o sacrifício daquela criança como um pequeno símbolo, uma gota no oceano dos sofrimentos que afetaram e continuam assombrando o Corno da África. Um sacrifício capaz de nos convencer a salvar os povos, os mares, as praias dos países equatoriais, paraísos condenados, em um mundo onde não há paz nem desenvolvimento.

A indiferença do mundo é quase total, exceto quando está em causa o financiamento internacional para grandes projetos de construção: barragens, estradas, aeroportos e, especialmente, o fornecimento de armas. Mais uma vez, quem poderia estar interessado na morte de alguns milhares de pessoas distantes, com uma cor de pele diferente da nossa?

Uma esperança secreta, no entanto, me diz que lá, perto da linha do equador, alguém está esperando, nas sombras, atrás de um cego de sândalo, no intenso aroma de incenso e flores de pau-rosa. Alguém que um dia vai receber-me com um simples aceno de cabeça, como se eu tivesse saído pouco antes de ir comprar a fruta no mercado. Como alguém da família, de que se conhece o ritmo do passo, o cheiro, a forma dos ombros quando sai e o som dos passos quando voltar.

Um papel amassado e uma caneta na mão
E um velho ditado "Para o bem da nação"
Um país desarmado lutando na guerra.

Guerra dos pobres, famintos,
em noites inflamadas
preenchendo as calçadas.

Guerra de mulheres caladas, vivendo a deriva
das marcas deixadas, marcas
espalhadas pelo corpo, derramando pelos olhos
e secando no abandono.

Guerra das cores julgadas, por uma sociedade incolor
Uma justiça que exalta o caos
Um mundo que ironiza a dor.

Onde estão as nossas armaduras?
Os "soldados" da pátria, defendem uma nação?
Ou continuam andando com uma venda nos olhos
e uma bandeira nas mãos.

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

SOMOS

Agnes Nagashima

25

Nos direitos humanos
e em sua declaração,
somos livres,
com deveres e direitos.
Presos apenas aos nossos sonhos,
somos liberdade e respeito,
somos matéria e memória,
na ida ou na vinda,
no pensamento e na expressão.
Unidos na nossa história,
em uma nacionalidade.
Com direito à educação,
desejamos respeito
e também fraternidade.
Na razão e na consciência,
em nossa dignidade,
no resistir e juntos a existir,
somos vidas na essência.

SONETO 11 PELO NINHO EM COMUNHÃO

Paulo Roberto de Oliveira Caruso

26

O teu Deus não é maior do que o meu Deus;
o meu Pai não é melhor do que o teu Pai!
O respeito é desejado por ateus
e quaisquer outras pessoas aonde vai!

Guerras Santas matam árabes, judeus
e cristãos num ódio intenso que não cai
como o sangue derramado dos hebreus,
faristeus e tantos outros no Sinai...

O ódio em crença dizimou diversos povos,
genocídio perpetrado sem razão,
atentado com aspectos nada novos!

O que Deus espera em nós é a união
que tão pouco demonstramos como os ovos
reunidos num só ninho em comunhão.

VIDAS NEGRAS

Harryson Jonas da Silva

27

Era uma tarde de verão quente, muito quente. Na verdade, não me lembro de muitos detalhes, como dizia Tony Webster em *O Sentido de um Fim*, do escritor inglês Julian Barnes, “o que você acaba lembrando nem sempre é a mesma coisa que viu”.

Ademais caro leitor, não pense que essa história que lhe conto não seja um fato. Para ser sincero, guardo essa lembrança faz um bom tempo, e em um final de semana dessas fui entender realmente o que havia acontecido naquele dia, não que tivesse esquecido o que aconteceu, mas o que eu não recordava era o real sentido daquele acontecimento, e talvez por ser criança ainda (acreditem, esse velho eu-lírico que vos fala já foi criança), não interpretei a situação.

Sem mais, como já disse, naquela tarde estava muito quente, mas a lateral da velha casa de madeira de vovó que ficava para o oeste era uma maravilha pela manhã, já que fazia sombra até por volta das onze horas, e eu e minha irmã brincávamos com latas de margarina e de óleo fazendo bolinhos de barro, que depois mais tarde comíamos um por um escondidos. Tivemos então a ideia de subir no pé de abacate para lá fazermos nosso piquenique de bolinhos (terra) e chá (água). Adorávamos subir no abacateiro, pois a vista era realmente maravilhosa, dava para ver boa parte do bairro, e do lado de baixo da rua uma grande e bonita construção de tijolos a vista e telhas francesas. A casa era da família Adam, não o conhecíamos muito, somente o Senhor Adam, que a cada quatro anos vinha pedir voto para o deputado, do qual era assessor pessoal. Eu e Francisca tínhamos muita vontade de brincar com os filhos da senhora Adam, e eles também, quando vinham visitar a obra, ficavam brincando sentados à beira de onde seria sua varanda nos olhando, e eu sentia em seus olhos a vontade de brincar comigo e com Francisca, pois quando chegavam perto do pé de abacate, a Senhora Adam já gritava: “Antony! Dominic! Já para cá, não se esqueçam do que vos disse em casa crianças.” As crianças mais que depressa saíam correndo como se fossemos verdadeiros animais selvagens, e se não fosse pela senhora Adam, eu juro que eu e Francisca correríamos brincar com aqueles dois meninos naquele monte de areia e pedra, pois toda vez que olhávamos para ela, ela nos fuzilava com os olhos.

Mas aquele dia aconteceu algo que eu e Francisca realmente não entendemos. A família Adam havia chegado, pois tinha acontecido um furto naquela obra, e o mestre de obras estava reclamando sobre suas ferramentas que haviam desaparecido misteriosamente. A senhora Tereza, que também morava do outro lado da rua, e seria a vizinha do lado esquerdo da família Adam, correria para saber o que estava acontecendo. Na verdade ela sempre queria saber de tudo o que acontecia em todo o bairro.

Enquanto eles todos discutiam, sobre os perigos em que poderia haver no bairro que ficava do nosso lado da rua, em relação ao deles, pensavam em quantos metros deveria ser o muro que separaria as belas casas com padrões europeus, das nossas que ficavam do outro lado da rua, muitas nem banheiro não tinham, que era o caso da nossa casa que vovó não lhe sobrara para construir um como sonhávamos. Foi quando então passou do outro lado da rua assoviando um samba, o senhor Zeca.

O senhor Zeca, ou Zequinha para os mais velhos que chegaram a ser amigo de infância dele, era já velho, um pouco corcunda, menos preto que vovó, porém, bem mais enrugado. Fumava um cachimbo no canto dos lábios e era quem tinha ensinado todos os capoeiristas das rodas de quinta a como dançar/lutar. Ele era muito divertido, fazia pinhão para presentear as crianças do bairro, e sempre fazia pipas para Francisca e eu brincarmos. Realmente o senhor Zeca era tão bondoso para com as crianças, que se os anjos e arcanjos fossem pretos, seria assim como o senhor Zeca, e teriam o seu coração. Sempre quando ele passava perto da construção, quando já ficava com as costas para a mesma a senhora Adam se benzia com o sinal da cruz, pois a senhora Tereza dissera a ela, que ele era um velho bruxo que via o futuro das pessoas.

Logo que ele passou viu em uma moita, que ficava em frente a um terreno baldio algo brilhando, quando se aproximou, viu uma chave de fenda, e um disco de uma das ferramentas cortantes, brilhava tanto, mais tanto, que o senhor Zeca com sua simplicidade com certeza nunca tinha visto algo daquele jeito. Não sei se pela idade, curiosidade ou o que, passou um daqueles objetos no rosto para sentir a sensação do metal brilhoso, liso, e afiado, e imediatamente correu-lhe o sangue ao rosto... Não demorou, e começou a gritar:

- "Aqui! Aqui! Encontrei".

Já a senhora Tereza, imediatamente exclamou:

- "Não lhe disse senhora Adam, que com certeza o bandidinho seria da comunidade".

Eu e Francisca não sabíamos o que fazer, pois o senhor Zeca, não estava sabendo explicar o que havia acontecido, e estavam colocando um pobre velho de 87 anos na posição de um infrator, e ele não estava percebendo, mas sorria levantando as ferramentas como se tivesse encontrado um tesouro e fosse o salvador da pátria, um verdadeiro herói. Concordo, eu e Francisca fomos covardes, mas se vovó nos pegasse em meio a uma confusão ficaríamos de castigo por dias.

De repente, não consigo me lembrar com tanta riqueza de detalhes, pois tudo aconteceu de forma muito rápida, chegou o carro do comandante da cidade, um senhor assim de meia idade, com aspecto de velho, devido à péssima alimentação que mantinha. Ele desceu do carro, mais precisamente uma 4X4, e ouvindo poucas palavras da senhora Adam, e de dona Tereza, que babava veneno, já deu um baita tabefe no senhor Zeca, que fez com que Francisca, soltasse um enorme berro, como se fosse ela mesmo quem levava o golpe, já eu perdi a fala imediatamente.

Coitado do seu Zeca, um pobre velho, foi levado no camburão, se sentindo totalmente humilhado, e sua expressão era de quem não havia entendido o que realmente estava acontecendo. Ao sair do carro, percebemos tanto eu quanto Francisca o sorriso cínico da senhora Adam e da senhora Tereza.

Depois que os serventes da obra carregaram todas as ferramentas novamente para a construção, o filho menor da senhora Tereza que brincava no gramado de sua casa, veio e disse:

- Ah, agora eu e meu irmão não poderemos mais brincar de sermos engenheiros...

- Como assim querido? – disse a senhora Tereza, indagada com o comentário do pequeno.

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

REVISTA ANUAL POESIAS, CONTOS E CRÔNICAS, VOLUME 4, 2020 – ISSN 2675-5556

29

- É que eu e o Lucas, meu irmão, brincávamos ontem com as ferramentas que encontramos caídas pela construção a fora.

A senhora Tereza ficou muito envergonhada, e quando foi se justificar e pedir mil desculpas, a senhora Adam já lhe disse, balançando a mão da direção dos ombros para frente e quebrando a munheca, como que queria mostrar as unhas vermelhas que com certeza devia ter pintado em um salão pela aquela manhã mesmo:

- Há! Há! Há! Há! Nem se preocupe senhora Tereza, querida, crianças são assim mesmo, gostam de aprontar, meus meninos também são bem levados...

- Vamos nos dar muito bem senhora Adam... Sorriu satisfeita.

Cada uma voltou para suas vidas pacatas, e o velho Zeca, ainda ficou dois dias na prisão, nem se lembraram do pobre diabo. Somente foi solto quando o Escrivão mandou chamar à senhora Adam para assinar o registro de queixa.

Naquela época não entendi com clareza... Para falar a verdade eu e Francisca vibramos de alegria quando o senhor Zeca saiu da prisão. Nem tinha apanhado muito, ficamos felizes e agradecíamos a Deus por ele ter tido sorte. Com certeza naquela idade não aguentaria nem um mês preso, com uma alimentação ruim, e ainda recebendo maus tratos.

Hoje posso lhes contar, pois em um fim de semana desses depois de tantos anos, me olhei no espelho e me lembrei dos olhos do Senhor Zeca, assim, como os meus... Cansados, pretos, e com bolsas como se fossem de olheiras, mas na verdade são dos cansaços acumulados ao longo da vida, mas mesmo apesar das bolsas de olheiras, transmitiam muito amor e ternura. Lembrei-me, do sorriso da senhora Adam e da senhora Tereza, não somente cínicos, como me pareceu quando criança... Mas sim, um sorriso de ódio, e de realização ao ver alguém sendo humilhado.

O velho Zequinha, ainda está vivo na verdade, dentro de tantos outros, da mesma cultura e cor que o senhor Zeca tinha. Que ainda hoje são levados presos injustamente, humilhados, retirados direitos, e até mesmo mortos injustamente. E quantos outros senhores Zecas, que não tem o que comer... E sabe por que nobre leitor? Porque vidas negras... Nem sempre importam...